

GOMES, PAULO CESAR DA COSTA (2017). **QUADROS GEOGRÁFICOS: UMA FORMA DE VER, UMA FORMA DE PENSAR.**
RIO DE JANEIRO: BERTRAND BRASIL.

Patrícia Matias de Oliveira*
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Monique Deise Guimarães Bastos*
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Do Ensino Básico ao Superior, é comum nos depararmos com uma multiplicidade de assuntos classificados como geográficos, tendo eles natureza física ou humana. Essa grande diversidade de temas tratados pela Geografia levanta dúvida sobre como uma mesma ciência abarcaria temáticas aparentemente tão diferentes. O livro *Quadros Geográficos: Uma Forma de Ver, Uma Forma de Pensar*, escrito pelo professor e pesquisador Paulo César da Costa Gomes e publicado em 2017, se debruça, exatamente, em uma pergunta fundamental: qual é a base daquilo que chamamos de raciocínio geográfico? A partir dessa questão, a obra retoma uma discussão que persiste no imaginário de muitos geógrafos e não geógrafos sobre o que seria Geografia, justificando sua tentativa de afirmar a consistência e relevância dessa ciência à produção de conhecimentos espaciais.

Descrevendo detalhes do desenvolvimento e da prática geográfica ao longo de sua trajetória, o material básico da reflexão oferecida pelo livro são as maneiras de identificar, de pensar e de fazer aquilo que chamamos de Geografia. Com isso, o grande mérito do livro é o de entender a Geografia para além de uma disciplina, mas como uma forma de pensamento dotada de originalidade. Pensar geograficamente compreenderia, assim, interrogar os fenômenos a partir de perguntas fundamentais, buscando neles uma coerência para sua localização espacial. Desse modo, o livro deixa claro,

que, tendo natureza física ou humana, são geográficas todas as coisas e fenômenos comprometidos com uma lógica espacial. Ao debruçar-se sobre esse tema, Gomes estrutura seu livro em uma introdução, seguida de 12 pequenos capítulos e conclusão. A cada nova seção, são mobilizados pensadores e ideias que reiteram a Geografia como uma forma de pensar a partir de diferentes exemplos, pontos de vista e associações feitas pelo autor.

A fim de compreender a base do raciocínio geográfico, portanto, na *Introdução Geografias e Mundos*, o autor adverte que recorrer à etimologia para responder o que é Geografia (*geo* terra, e *graphos*, escrita/descrição), embora comum em certos contextos, não seria suficiente para explicá-la. Também não o seria apelar para a busca da "natureza" dessa ciência. Por isso, o recurso utilizado por Gomes no livro foi o de compreender a Geografia a partir de seus atributos e características, já que, para o autor, sua especificidade não estaria contida em um objeto ou fenômeno, mas, sim, na forma de olhar para eles. De acordo com isso, a introdução indica três condições que qualificariam a Geografia como "uma forma de pensar" (p. 21), sendo elas: a sensibilidade espacial (capacidade de orientação sobre o espaço); uma forma de inteligência (capacidade de estabelecer classificações espaciais); e uma compreensão da lógica das localizações (capacidade de atribuir sentido à localização de fenômenos).

*E-mail: patricia_matias@hotmail.com.br

**E-mail: moniquebastos.ufrj@gmail.com

No capítulo *Lendo Kant*, Gomes recorre ao filósofo para apresentar duas formas de procedimentos científicos: a lógica e a física. O método lógico seria aquele por meio do qual “as coisas são examinadas individualmente como unidades, sendo reagrupadas por critérios lógicos” (p.24); já no método físico, ao contrário, “as coisas devem ser classificadas e examinadas de acordo com a situação na qual aparecem”, sendo analisadas a partir de “elementos situacionais, em referências à posição que ocupam”. O autor defende com isso que, pelo princípio da localização, o procedimento físico seria capaz de garantir que a diversidade fosse observada a partir de como as coisas “aparecem no mundo, dentro das condições pelas quais se mostram e como partes dos conjuntos dentro dos quais se apresentam” (p. 25). Para atender a esse fim, a ferramenta mais adequada seria a descrição, tomada não como um inventário exaustivo sobre as coisas, mas como um “produto de uma forma de pensar, uma classificação física sistemática fundada segundo o espaço” (p. 26).

Em “Culturas visuais diversas: descrições e narrativas”, discute-se a importância da descrição e do uso das imagens como “veículos direcionados para o conhecimento” (p. 29). Através de dois modelos de pintura desenvolvidos no Sul e Norte europeus, Gomes destaca como as imagens chama a atenção que as imagens podem tanto narrar uma perspectiva linear de histórias e eventos (Sul), como descrever o mundo tal como ele se apresenta (Norte). Essa última perspectiva daria possibilidade para interpretações diversas, pois estaria sujeita ao olhar do observador e seria vista como um importante modelo para o uso de imagens – inclusive de mapas – e como “parte dessa cultura visual que atribui nova autoridade à observação como fonte de conhecimento” (p.31).

A Naturgemälde é um quadro; mapas são quadros tem como objetivo demonstrar a semelhança da obra *Naturgemälde*¹ de Humboldt com aquilo que, hoje, é chamado de sistema de informações geográficas (SIG). Para isso, Gomes começa relacionando a ideia de quadro à de mapa, indicando que ambos se constroem por uma disposição de diferentes “variáveis no mesmo plano” (p. 36) que, expostas a um mesmo ambiente, serviriam “para pensar relações, julgar proximidades ou distâncias.” Desse modo, mapa e quadro surgiriam como ferramentas para se pensar geograficamente, ambos se valendo da localização, da diversidade, do enquadramento e da representação proporcional como condições que integram diferentes elementos e processos. À medida em que descreve parte dos detalhes contidos na obra de Humboldt, o livro o aponta como pioneiro em

correlacionar diferentes processos em uma mesma fisionomia, “fazendo de uma imagem o veículo que descreve e faz pensar” (p. 41).

Em *Os quadros geográficos na obra de Humboldt*, Gomes amadurece um pouco mais essa relação entre a obra *Naturgemälde* e a noção de “quadros”. Traduzida como Quadro Físico (*Tableau physique*), mais do que um relato de viagem, Humboldt parecia ter a preocupação de oferecer “uma visão mais geral” com a obra e, “para atender a esse fim, se valia da pintura de imagens como meio de retratar verdadeiros ‘quadros da natureza’” (p. 48). Objetivando provocar a sensibilidade e descrever didaticamente o que era contemplado pelo seu olhar, *Naturgemälde* criara uma composição de imagens capazes de, além de exemplificar e ilustrar um fenômeno, gerar inúmeras combinações e possibilidades de explicar aquilo que ela se propunha a descrever. A obra de Humboldt seria, assim, um exemplo de que as imagens seriam mais do que uma linguagem ou um instrumento gráfico (p. 60), mas um verdadeiro *quadro geográfico*, uma estratégia de desenhar para fazer pensar.

No capítulo *As cosmovisões*, Gomes se dedica a resgatar alguns elementos fundamentais que marcaram a produção de conhecimento durante a Antiguidade pelos estoicos. Baseados nos princípios de unidade, de conexão global de todos os fenômenos, de sua estruturação enquanto um sistema, de uma observação racional das coisas (contemplação) e, por fim, de uma harmonia, o autor defende a aproximação do trabalho estoico de busca de uma ordem, de um encadeamento da diversidade do mundo, ao próprio ofício da Geografia. Isso revelaria semelhanças entre o conhecimento Antigo e o que propõe a Geografia atual, endossando a importância da contemplação como um veículo desse saber produzido; ela seria “capaz de apreender a ordem cósmica, que não apenas nos aparece como um raciocínio, mas também gera uma imagem” (p. 66).

A Geografia apresenta o mundo discute o legado deixado por Estrabão e Ptolomeu à produção de conhecimento em Geografia. A respeito de Estrabão (64 a.C. - 21. d.C.), o autor se refere à sua obra como uma sistemática descrição regional, gráfica e textual do mundo conhecido. Dedicado à produção de desenhos, Estrabão se valeria de uma descrição não exaustiva, porém sistemática, que seguiria uma ordem e valorizaria a ideia de conjunto (tal como um sistema de informações geográficas). Quanto a Ptolomeu (90-168 d.C.), no lugar de uma descrição detalhada dos lugares, seu trabalho teria se dedicado a desenhar um mapa do Cosmos, do mundo conhecido, por meio do qual seria possível desvendar uma ordem escondida na diversidade. Mais do que dicotômico, para Gomes, o trabalho de ambos foi perfeitamente

¹Conheça a obra <https://blog.sbb.berlin/vertical-thinking-in-the-time-of-humboldt/>

semelhante, tendo em comum a “apresentação da ‘imagem’ do mundo” (p. 79) e a contribuição de apresentar a Terra como um quadro geográfico, sujeito a uma forma de ver e de pensar.

Em *Imago Mundi nas cosmografias renascentistas*, resgata-se algumas das principais características que marcaram o surgimento dessas obras. Acompanhadas de um farto material gráfico de figuras e mapas, as cosmografias tinham a função de explicar, geral e sistematicamente, uma variedade de fenômenos e suas múltiplas conexões, num momento de grande demanda por imagens e visualizações acerca mundo. De acordo com o tema discutido no livro, Gomes endossa que as cosmografias foram resultado da descrição e observação metódica e contemplativa do mundo, durante um período em que textos se misturavam aos mapas e os mapas se confundiam com outras imagens.

Seguindo a proposta discutida pelo livro, *Outros quadros geográficos* esclarece o significado da palavra *quadro* utilizando-se de Foucault para descrever a polissemia do termo. Usado como referência a figuras, tabelas, gráficos ou grandes diagnósticos sobre um determinado assunto, um quadro apresentaria um volume grande e variado de informações passíveis de organização. De acordo com o livro, a eficácia desse instrumento seria a de considerar as coisas em conjunto, permitindo uma compilação, organização e análise de dados que, sendo espaciais, revelariam um “desenho” de um sistema de informações geográficas. Compartilhando de um mesmo universo de significação, um quadro, assim, “desenharia” significados de acordo com a posição, proporção e volume das informações ali apresentadas.

O capítulo *Outros Mundos* utiliza-se de exemplos como a música, a matemática e outros para demonstrar que, a despeito de terem naturezas diferentes, todos permitem uma maneira física, ou seja, espacial de se pensar. Uma vez compatíveis a um raciocínio posicional, tais fenômenos também poderiam ser representados por um grafo (um desenho, tabela, gráfico, mapa etc.), que revelaria mais eficientemente seus atributos espaciais, favorecendo a visualização de seu jogo de relações e a conexão sistêmica que manteria com outras variáveis e fenômenos. Assim, mais do que confinada a um campo disciplinar, o autor defende que a Geografia seria uma forma de pensar e que quaisquer processos ou coisas passíveis de uma localização e posição, sujeitas a uma apresentação gráfica, constituiriam, assim, um quadro geográfico.

Descrevendo quadros com Vidal de la Blache problematiza a relação entre imagens e textos na produção de quadros geográficos. A partir da obra *Tableau de la Géographie de la France*, Gomes sugere que la Blache (1845-1918) teria se

valido da descrição textual como uma condição para a construção de imagens; em outras palavras, no lugar de uma ambiguidade entre os dois recursos (texto e imagem), la Blache teria evocado as imagens por uma linguagem natural, fazendo apelo à imaginação do leitor ou ao seu conhecimento prévio. Nesse sentido, o capítulo defende que, embora tenham naturezas distintas, imagem e texto mantêm uma forte interação entre si, de modo que os métodos analíticos válidos a um seriam diretamente aplicáveis ao outro. Dessa forma, um texto seria capaz de construir imagens, seja pela descrição que realiza ou por produzir uma imagem na cabeça do leitor (quadro).

Em *Modos e instrumentos da descrição*, o autor se propõe a qualificar melhor a ideia de descrição. Embora já tendo indicado que não se trataria de uma listagem exaustiva de tudo o que existe em um lugar, Gomes acrescenta, agora, a necessidade de que ela seja organizada segundo critérios, guiada por variáveis previamente escolhidas. Ele sustenta, também, que a descrição não se limita a procedimentos textuais², correspondendo, na verdade, a qualquer instrumento gráfico (mapas, gráficos, tabelas etc.) que, mais do que ilustrar e declarar algo, o apresente e faça pensar. Além disso, em se tratando de uma descrição cuja base tenha uma localização e situação, ela se qualificaria enquanto uma “descrição geográfica”, um *quadro geográfico*, cujo jogo de posições seria seu elemento central.

No penúltimo capítulo do livro, *Imagem, imaginários: quadro para a imaginação geográfica*, o autor finalmente defende a Geografia como uma ciência visual, cuja produção e análise de imagens seriam procedimentos capazes de revelar determinadas coisas que, de outra maneira, não seriam visíveis. Mais do que uma imitação da realidade, que uma *representação*, nesse contexto, as imagens teriam o papel de *apresentar* o real segundo certos critérios e escolhas, oferecendo inúmeras possibilidades de leitura, conexão e análise. Nesse sentido, quando partem de uma imaginação que pensa geograficamente e que diga respeito a objetos espaciais, de acordo com o livro, tais imagens fariam parte de um imaginário geográfico produtor de quadros que, tal como propõe o título da obra, ofereceriam “uma forma de ver, uma forma de pensar” os fenômenos espaciais.

Por fim, chega-se à conclusão *A Geografia é uma forma de pensar!* Nesse último capítulo, Gomes reafirma o papel da Geografia como uma ciência que trabalha com o ordenamento espacial das coisas, pessoas e fenômenos, defendendo que essa não seria uma responsabilidade simples: “Explicar por que as coisas estão ali, onde estão, por que são diferentes quando aparecem em outras localizações, explicar graus de proximidade e de distância, a posição, a forma e o tamanho envolve

um raciocínio bastante sofisticado" (p. 145). Por isso, caberia ao geógrafo revelar o sentido de fenômenos e coisas pela produção e uso de quadros geográficos que, enquanto uma forma de organização do pensamento, um instrumento do raciocínio, poderiam, inclusive, promover a abordagem de temas ainda pouco trabalhados pela Geografia.

Desse modo, ao revisitar nomes como os de Estrabão, Ptolomeu, Kant e Humboldt, o livro *Quadros Geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar* retoma o debate sobre alguns procedimentos que marcaram o ofício do geógrafo em várias épocas da história. Mais do que só discutir o uso da contemplação, da descrição e do desenho na produção de quadros geográficos no passado, a obra também encoraja a revalorização desses métodos nos dias de hoje, ajudando a repensar a própria maneira como se enxerga a Geografia. Com seu livro, Paulo Cesar da Costa Gomes permite compreender, assim, que o olhar geográfico tem muitas potencialidades, o que amplia perspectivas e ressignifica a compreensão dos atributos da Geografia, revelando sua capacidade original de fazer pensar a diversidade e apresentar o mundo.